

Capítulo I

— É aquele — apontou Gulfer. — O rapagão de cabelo ruivo e ombros largos. — Parado na rua escura, ele ergueu a tocha para mostrar que eram pacíficos, não ladrões ou assaltantes. — O garoto pode ser ainda um fedelho, mas é mais alto que nós uma meia cabeça. E pelo tamanho daquele volume entre as pernas, parece que não vamos encontrar um melhor para a nossa tarefa.

Observaram conforme dois rapazes pararam à porta da estalagem, com a luz por trás deles. Bêbados, agarravam-se um ao outro para não cair. O mais baixo começou a cantar.

O outro cavaleiro deu de ombros.

— Tamanho não é tudo. Meu primo em Lincolnshire não é tão avantajado, mas é pai de doze filhos, apesar disso.

Gulfer soltou um bufo de impaciência.

— Deixe isso para lá, apenas olhe o rapaz. Levando em conta que há um bando de gentalha por aí por causa dessa maldita guerra, a gente poderia achar pior. Estou seguindo esse aí já faz dias, pelos becos de Wrexham, e digo que, de todos em que pensamos... cavaleiros, escudeiros, fidalgotes, até algumas crias de mercadores... aquele galinho de cabelo vermelho fica bem acima do melhor para o que precisamos.

Uma sombra surgiu por trás dos rapazes bêbados.

— Fora! — berrou o estalajadeiro. — O dinheiro de vocês acabou. Mas aqui dentro ou lá fora, parem com esse maldito barulho!

A porta bateu atrás dos dois, empurrando-os para a rua. O rapaz mais alto conseguiu manter o equilíbrio, mas o cantor cambaleou e depois se sentou na sarjeta.

— Puxa, Niall. — Esfregou a cabeça com uma das mãos, enquanto balançava o elmo na outra. — Que belo jeito de tratar a gente! Uma quinzena nesse buraco do inferno e nem nos dão as boas-vindas.

Das sombras, Aimery bufou.

— Aposto — disse, por trás da mão — que os dois não têm um tostão. Esses moços ganham pouco como soldados de aluguel. E o que ganham, jogam fora com bebida e jogo.

— É como você, na idade deles. — Ainda segurando a tocha no alto, Gulfer adiantou-se. O rapaz ruivo estava tentando fazer o outro ficar em pé. — Cavalheiros, com licença — acrescentou. — Peço um favor. É um assunto sobre um pequeno emprego e uma excelente paga.

O jovem cavaleiro soltou o outro, que se sentou no mesmo instante.

— Afaste-se. — Sua mão voou para o cabo da espada. — Temos emprego. Somos homens do conde Robert de Gloucester.

— Certo, certo.

De perto, o rapaz era ainda melhor do que Gulfer esperava; com feições benfeitas, podia até ser considerado bonito, com olhos cor de âmbar para combinar com os cabelos ruivos, um nariz longo e arrogante e uma boca que se entortava com graça nos cantos. A mão continuava na espada enquanto o olhar se alternava entre Gulfer e Aimery.

— Fique tranquilo, jovem senhor — disse Gulfer. — Peço seus serviços para um pequeno dever digno de seu... ahn, de sua juventude e vigor. É uma tarefa que ocupará apenas esta noite, uma ocupação tão agradável que qualquer um iria desejar. Porém com uma finalidade muito séria e digna.

O ruivo olhou para Gulfer por cima do nariz. Seu companheiro levantou-se, cambaleante.

— O que estão vendendo? — perguntou, com um olhar de suspeita.

Gulfer sorriu.

— Meu jovem senhor, tire os pensamentos impróprios da cabeça! Deixe-me assegurar, quero apenas contratar seus honrosos serviços. — Fez uma pausa e esfregou o queixo.

Então, esclareceu o que estava procurando. Quando terminou, os dois cavaleiros o encararam. E então, caíram na risada.

Gulfer esperou. Tinham reagido conforme ele esperava. Ele tirou uma bolsa de sob a cota de malha e, entregando a tocha a Aimery, esvaziou o conteúdo na palma da mão. A luz da tocha arrancou faíscas das moedas.

— Dois marcos de ouro de Flandres — disse —, por apenas algumas horas do seu tempo.

O silêncio se seguiu, rompido apenas pelo ruído que vinha da taverna.

O outro jovem cavaleiro puxou o companheiro pelo braço.

— Niall, vamos embora — pediu. — Estamos tudo menos sóbrios, e isso só pode ser coisa de alguma velha prostituta dos diabos que quer atrair rapazes para a cama. E esses velhos cavaleiros aí são cafetões, oferecendo dinheiro sujo!

O olhar do outro rapaz estava fixo nas moedas.

— Virgem Maria — Niall murmurou —, mas é um bocado de dinheiro.

Gulfer observou-o, atentamente.

— Rapaz, juro pela Santa Virgem que é como eu lhe disse. Um rico mercador desta cidade, já idoso, casou-se com uma jovem com quem tentou ter um herdeiro durante os últimos três anos. Mas depois desse tempo todo, e considerando que o pobre homem está a cada dia mais

velho e doente, não parece que vai arranjar esse filho. Porém, tem medo do que vai acontecer com sua fortuna, caso ele morra e deixe a esposa sozinha com toda essa riqueza. Fui incumbido de encontrar um jovem saudável e honrado que dê ao meu mestre o que ele deseja. Em troca, como pode ver, será bem pago.

O outro rapaz puxou o braço do amigo.

— Pelo amor de Deus, Niall, vamos embora! Você está bêbado demais para saber o que está fazendo! Se der ouvidos a essa proposta maluca, vai acabar roubado, assaltado, e seu corpo jogado no rio quando amanhecer!

O ruivo o empurrou.

— Calma, Orion, eu não disse que vou fazer isso. — Seus olhos se estreitaram. — Se eu disser sim — virou-se para Gulfer —, me explique como isso vai ser feito.

Sem hesitar, Gulfer retrucou:

— Você será levado a um lugar que não posso dizer qual é, apenas que é uma casa das mais respeitáveis. Ficará vendado até lá para manter tudo em segredo. Será muito bem tratado, com toda a cortesia, e depois levado de manhã a qualquer local que queira indicar, com os olhos cobertos. Nessa hora, receberá o pagamento.

Orion encarou-o com ar astuto.

— Tudo bem até aí. Mas toda a cristandade sabe que não se pode fazer um bebê apenas em uma noite.

Gulfer abriu os braços e deu de ombros.

— Foi isso mesmo que eu argumentei. Mas está tudo nas mãos de Deus. Esta noite é só o que será pedido a você, pela paga que está aí, diante de seus olhos.

A boca do jovem cavaleiro entortou-se num sorriso cínico.

— Diga-me, quantos homens antes de mim a dama chamou para sua cama?

O velho cavaleiro fechou a carranca.

— Está enganado, pirralho. A dama não é nenhuma assanhada. Sua intenção é nem mais nem menos o que lhe foi dito. — Deu de ombros outra vez. — É muita falta de sorte, o engano foi meu. Não tomarei mais o seu tempo.

Afastou-se, e Aimery o seguiu. O jovem cavaleiro postou-se, meio hesitante, à sua frente.

— Não, tenho o direito de perguntar? Afinal, essa é uma proposta muito estranha.

Gulfer o encarou, muito sério.

— Acredite em mim, rapaz, se eu pudesse, tiraria essa fantasia da cabeça dela. Mas aqui estou.

Niall ficou parado por um momento, pensando. Finalmente, disse:

— Mostre-me o ouro de novo.

Gulfer estendeu a mão. O ruivo pegou uma peça de ouro e segurou-a entre o indicador e o polegar.

— Louis rex Francia — leu. — Com um ramo de trigo do outro lado. Esta é uma moeda de ouro francesa, meu amigo, não dos Flandres.

— Então, você sabe ler. — Gulfer estava impressionado. — E sabe escrever também?

— Hum-hum. — Niall virou a moeda entre os dedos marcados pelas batalhas. — Por todos os santos! — exclamou, de repente. — Por que não deixamos a moeda decidir?

Lançou a moeda para cima, e a peça de ouro girou no ar. Ele pegou-a e bateu-a no dorso na mão.

— Quero cara — avisou Gulfer.

Niall tirou a mão e Gulfer inclinou-se para espiar.

— Coroa. — Endireitou-se. — Aimery, pegue a venda.

Orion jogou-se no meio dos dois.

— Não, não! Isso é loucura! — gritou. — Niall, isso cheira a... a... bruxaria... e traição! Não vá, não vou deixar! — Olhou ao redor, desesperado. — Não, a menos que... você me leve junto também!

Aimery empurrou-o de lado.

— Não rapaz, você fica aqui.

O jovem sacou a espada, mas Niall segurou-o pelo braço.

— Não, Orion tem razão, tem de levar nós dois. Para prevenir uma traição.

— Pirralhos rebeldes — bufou Gulfer. — A coisa toda não vale a sombra de um inseto, só que a moça insiste nisso. — Enfiou a mão sob a cota de malha, e depois por baixo do colete almofadado. — Só o Senhor Todo-Poderoso sabe o que ela pensa em conseguir com isso — resmungou. — A menos que seja um milagre.

Aimery amarrou a venda preta no rapaz mais alto, e o próprio lenço ensembado de Gulfer no outro. Assim que estavam vendados, os dois jovens cavaleiros ficaram ombro a ombro.

— Não vamos entregar nossas espadas — avisou o grandalhão ruivo, tocando a venda. — Nem vão amarrar nossas mãos.

— Tudo bem, mas mantenha as mãos para trás — advertiu Gulfer. — Não queremos ninguém espiando. Será o fim, se fizerem isso.

Os dois inclinaram a cabeça ao mesmo tempo. O ruivo resmungou alguma coisa por entre os dentes.

— Niall — murmurou Orion —, eu não ligo. Só quero que você se lembre de que é esse seu maldito pau sempre pronto que está metendo a

gente nessa confusão!

Gulfer ouviu. E porque sabia que não podiam vê-lo, sorriu.